

AUTORIDADE

RESGATANDO OS *SOLAS* SEGUNDO
A ESSÊNCIA DO CRISTIANISMO
PROTESTANTE PURO E SIMPLES

BÍBLICA

PÓS-REFORMA

SOLUS SOLA
CHRISTUS SOLA FIDE
SCRIPTURAS SOLI
SOLA DEO GLORIA
GRATIA

KEVIN J. VANHOOZER



VIDA NOVA

A Reforma teve por objetivo opor-se ao que havia de errado no catolicismo, mas seus princípios centrais, os cinco *solas*, não são apenas negações. O protestantismo reformado também tem por objetivo defender algo. Os *solas* são, portanto, princípios que servem para moldar uma teologia robusta. Essa é tarefa construtiva que Vanhoozer empreendeu nesse livro, e o fez com rigor, vigor e entusiasmo contagiante.

David F. Wells, professor pesquisador sênior emérito do Gordon-Conwell Theological Seminary

Mais do que um elogio vibrante à Reforma — embora seja isso também —, o novo livro de Kevin Vanhoozer é uma proposta iluminada de unidade protestante baseada nos cinco *solas* e também em uma diferenciação entre as verdades centrais do evangelho absolutamente indispensáveis e áreas em que a discordância não deveria dividir protestantes em denominações. Trata-se de uma proposta de construção para os próximos quinhentos anos, enraizada em uma valorização dos últimos quinhentos. Teólogos católicos como eu, buscando caminhos para um diálogo ecumênico mais profundo, precisam ouvir a defesa rigorosa, graciosa e de cunho acadêmico de Vanhoozer em prol da verdade do cristianismo protestante.

Matthew Levering, professor de Teologia da cátedra James N. e Mary D. Perry Jr., no Mundelein Seminary

Há anos aguardo esse livro! Em um cenário teológico em que está demasiadamente em moda descartar o protestantismo, Vanhoozer segue uma rota mais difícil e que requer maior bravura. Oferece à igreja um “protestantismo puro e simples”, convincente e forte o suficiente para nos dar esperança de um futuro, à medida que, juntamente com a tradição, continuamos buscando fidelidade em relação à boa revelação de Deus a nós na Escritura.

Beth Felker Jones, professora de Teologia na Wheaton College

Kevin Vanhoozer convoca de modo apropriado a uma renovação protestante, incentivando-nos a redescobrir um pouco da grande sabedoria dos primeiros reformadores (considere os *solas* em conjunto), enquanto nos desafia a nos desembaraçar de alguns dos mal-entendidos e resultados profundamente problemáticos que acabaram por surgir nos círculos protestantes. Ele realiza o que se propõe: olhar para trás de forma criativa para avançar com fidelidade. Se você é protestante e ama a Escritura e a igreja, leia esse livro!

Kelly M. Kapic, professora de Teologia na Covenant College

Num tempo em que os termos “evangélico” e “católico” enfrentam pressões internas e externas desconcertantes, Kevin Vanhoozer ajuda a fazer brilhar a luz das Escrituras para iluminar um caminho autenticamente protestante à frente. Em meio a um interesse renovado pelos *solas* da Reforma, a contribuição incomparável desse livro reside em ele discernir o significado hermenêutico dessas fórmulas. Em vários momentos, essa abordagem desafiou-me a pensar novamente sobre o evangelho, a Escritura e a igreja.

Daniel J. Treier, professor de Teologia da cátedra Blanchard, na Wheaton College Graduate School

Os protestantes em geral e os evangélicos em particular muitas vezes são desafiados a manifestar uma compreensão robusta acerca da catolicidade da igreja. A dificuldade de uma tarefa assim pode ser agravada por entendimentos (errôneos) do *sola Scriptura*, bem como da autoridade da — e na — igreja. Em *Autoridade bíblica pós-Reforma*, Kevin Vanhoozer convida os protestantes evangélicos a encarar essas questões e outras afins em sua vertente específica de cristianismo, propondo um caminho adiante e valendo-se dos cinco *solas* da Reforma de forma tanto fiel quanto criativa. Trata-se de um livro perspicaz e que leva à reflexão de forma construtiva.

W. David Buschart, professor de Teologia e de Estudos Históricos no Denver Seminary

O protestantismo tem sido acusado de muitos cismas, além de levar a pecha de um secularismo moderno que se alastra cada vez mais, com seus diversos males. Embora haja quem busque consolo em outros lugares, Kevin Vanhoozer responde sem procurar uma defesa em outras fontes, mas dobrando sua aposta ao resgatar os princípios básicos da teologia protestante. Além disso, mostra que esses *solas* da Reforma foram, eles próprios, resgates da fé e prática bíblicas primitivas. Os leitores de Vanhoozer aprenderam a contar que seriam guiados de forma benevolente e que teriam sua imaginação aguçada, e esse livro oferece exatamente essa sabedoria e esse estímulo.

Michael Allen, professor adjunto de Teologia Sistemática e Histórica no Reformed Theological Seminary, em Orlando

Vanhoozer prova com competência que não precisa haver contradição entre uma visão elevada da igreja, a tradição eclesiástica e os *solas* da Reforma. Em suma, defende fortemente os protestantes como conciliabilistas convictos. [...] *Autoridade bíblica pós-Reforma* é um livro necessário

e oportuno. [...] [Ele] fornece uma resposta convincente para aqueles que consideram haver sabedoria nos *solas* e no entanto ainda estão preocupados com o cisma, com o secularismo e com o ceticismo. Talvez Vanhoozer tenha sido colocado aqui para um momento como este.

Patrick Schreiner, *The Gospel Coalition*

Vanhoozer responde às críticas convencionais ao protestantismo sem ser defensivo ou desdenhoso. [...] Os leitores que passaram a pensar nos *solas* pura e simplesmente como *slogans* pós-Reforma talvez se surpreendam que Vanhoozer extraia tanto deles. Pela simples profusão de deleites doutrinários, Vanhoozer se sai muito bem em sua afirmação de que “os *solas* são *insights* essencialmente positivos, e não negativos, sobre os pressupostos, as implicações e os desdobramentos do evangelho”. [...] [Esse livro é um] [exercício] profundo no tipo mais salutar de autocrítica protestante. Idealmente, os evangélicos de hoje terão a graça de aplicá-lo judiciosamente às tarefas da Reforma.

Fred Sanders, *Christianity Today*

Vanhoozer responde à acusação de que o protestantismo impôs uma cacofonia de perspectivas bíblicas, teológicas e eclesiais sobre a igreja. *Autoridade bíblica pós-Reforma* oferece uma compreensão mais profunda acerca da intenção e do significado dos *solas* da Reforma. Esse livro recompensará seus leitores não apenas em razão da prosa tipicamente criativa de Vanhoozer, mas também por oferecer um relato convincente da autoridade bíblica em um tom protestante.

Vincent Bacote, *Christianity Today*

Esse breve livro [de Vanhoozer] é uma meditação detida sobre como os *solas* podem moldar a teologia protestante e, especialmente, a interpretação bíblica protestante. [...] O resultado é uma maior apreciação pela herança da Reforma e uma base mais clara para a compreensão das convicções protestantes clássicas. [...] O valor singular desse livro é a forma criativa em que ele se reapropria de conceitos já conhecidos — somente a fé, somente a graça etc. — e os torna interlocutores criativos das questões da teologia moderna. [...] Vanhoozer deve ser elogiado por sua vitalidade criativa quando se trata de apresentar o protestantismo antigo àqueles de nós que vivem no novo. Dessa forma, seu livro é um modelo para utilizar as riquezas da história para abordar questões contemporâneas da teologia bíblica e sistemática.

Scott A. Corbin, *Books at a Glance*

Muitas vezes, um livro como esse, escrito de determinada perspectiva cristã, baseia-se em descrições caricaturadas das ideias e perspectivas daqueles que defendem conclusões diferentes. Vanhoozer evita essa armadilha. Com o charme da pacificação, Vanhoozer abre caminho em meio àqueles por quem ele tece seu próprio relato dos *solas*. [...] A pluralidade das interpretações protestantes é uma fonte constante de defen-sivas, disputas internas e batalhas denominacionais. Mesmo que o pastor não se alinhe ao referencial reformado de Vanhoozer, esse livro servirá de excelente recurso e até mesmo de reciclagem para muitos, para que possam assim pensar nas doutrinas interdependentes que compõem um argumento a favor da autoridade da Escritura. [...] Recomendado.

Todd Littleton, blogue LifeWay Pastors

À medida que analisava o argumento [de Vanhoozer], encontrei muita coisa que pude confirmar de todo o coração. Ele começa não com as Escrituras, mas com a iniciativa graciosa de Deus. Ratifico de todo o coração seu chamado a uma fé humilde que se recusa a idolatrar a certeza, mas também se afasta do ceticismo e do relativismo. Ele com certeza se afasta das caricaturas do biblicismo que são corretamente criticadas. E descobri que sua visão de unidade não é algo que abraça a uniformidade. [...] Será que sua proposta poderia começar a influenciar mais profundamente a prática das congregações locais em torno de uma disposição para compartilharmos com outros companheiros cristãos e os consultarmos em todas as diferenças denominacionais, culturais e de outra ordem, e para lermos as Escrituras juntos, de forma que nos enriqueçamos e nos renovemos uns aos outros como expressão de convicções compartilhadas em torno da graça e do evangelho de Deus? Poderia também moldar nossa disposição de uns para com os outros, com uma resolução de nossa parte de não suspeitar uns dos outros ou criticar uns aos outros, mas de consultar uns aos outros e aprender uns com os outros, procurando ouvir juntos o que o Espírito está dizendo às igrejas? Embora possa não corrigir todos os problemas que os críticos enxergam no cristianismo protestante, essa obra pode ser o ponto de partida para uma catolicidade que começa a nos preparar para a chegada do Noivo.

Bob Trube, blogue Bob on Books

SUMÁRIO

Prefácio	13
Introdução: A igreja deve se arrepender da	
Reforma ou recuperá-la? Secularismo, ceticismo	
e cisma — Ufa!	19
<i>“Pelos frutos os conhecereis”: avaliando uma revolução</i>	
<i>Contando a história do protestantismo</i>	
<i>Arrependimento pelas iniquidades (involuntárias) de nossos</i>	
<i>país reformadores</i>	
<i>Depurando o problema: aprofundando o dilema</i>	
<i>Sempre recuperando? Contribuições para o debate sobre a</i>	
<i>autoridade interpretativa</i>	
<i>A importância do cristianismo protestante puro e simples</i>	
1. Somente a graça: Ontologia, economia e teleologia	
do evangelho segundo a essência do protestantismo	
puro e simples	61
<i>Sola gratia: o que os reformadores queriam dizer</i>	
<i>Natureza e/ou graça: outras perspectivas</i>	
<i>Ontologia triúna e a economia da salvação</i>	
<i>O sola gratia para a Bíblia, para a igreja e para a autoridade</i>	
<i>interpretativa</i>	
2. Somente a fé: O princípio de autoridade do	
protestantismo puro e simples	103
<i>Sola fide: o que os reformadores queriam dizer</i>	

Fé e/ou crítica: outras perspectivas
O princípio de autoridade
O sola fide para a Bíblia, para a igreja e para a
autoridade interpretativa

3. Somente a Escritura: O modelo de autoridade interpretativa do protestantismo puro e simples 149

Sola Scriptura: o que os reformadores queriam dizer
Escritura e/ou tradição: outras perspectivas
O padrão de autoridade
Sola Scriptura para a Bíblia, para a igreja e para a
autoridade interpretativa

4. Somente em Cristo: O sacerdócio real de todos os crentes 195

Solus Christus: o que os reformadores queriam dizer
Cristologia e eclesiologia: outras perspectivas
O sacerdócio real
Solus Christus para a Bíblia, para a igreja e para a
autoridade interpretativa

5. Somente para a glória de Deus: A riqueza das nações santas 233

Soli Deo gloria: a ceia do Senhor como teste da unidade cristã
Unidade da igreja: outras perspectivas
Comunhão na igreja (e entre igrejas)
Soli Deo gloria para a Bíblia, para a igreja e para a
autoridade interpretativa

Conclusão: Do protestantismo católico ao evangelicalismo protestante 275

“Quando amanheceu, lá estava Leila!”
Evangelicalismo protestante: um casamento feito no céu?
Depois de Babel, o Pentecostes: as famílias de Deus e o espírito
do cristianismo protestante puro e simples
Somente o evangelho: os solas no modelo de autoridade
interpretativa evangélica protestante

Bibliografia 299

Índice de passagens bíblicas 321

Índice remissivo 325

PREFÁCIO

A experiência não é a norma fundamental da teologia cristã, porém os acontecimentos muitas vezes servem de elemento catalisador ou de ocasião para fazer teologia. Fui despertado da minha letargia pré-dogmática por um incidente curioso, ocorrido durante certo verão, quando eu ministrava no sul da França. Estava ali para cumprir parcialmente a exigência de estágio do meu seminário. O pastor local com quem eu estava trabalhando me levou até o *marché*, a feira livre semanal típica das cidades da Provença. Montamos uma banca de livros com literatura cristã tradicional: Bíblias, cópias do Evangelho de João e folhetos evangelísticos variados. A maior parte das pessoas nos ignorava; era difícil competir com damascos recém-colhidos, *herbes de Provence* e peças de *camembert* curado. O tempo passou até que, por fim, um homem se aproximou.

— *Bonjour, monsieur!*

O homem folheou alguns dos nossos panfletos, observou a placa fixada no alto da banca que nos identificava como *Église Libre* (Igreja Livre) e depois disse algo inesperado:

— *Alors, vous êtes anarchiste?* [Então, você é anarquista?]

Uma porção de coisas passaram pela minha cabeça. Em primeiro lugar, será que eu tinha ouvido direito? Em segundo lugar, ele não diria o que disse se conhecesse meus pais. Em terceiro lugar, se meus amigos da faculdade pudessem me ver agora! Ao perceber minha surpresa, ele esclareceu o que eu mais tarde descobriria se tratar de uma objeção costumeira do catolicismo romano

ao protestantismo: “A Igreja Católica Romana tem um cabeça [gr., *archê*], uma figura de autoridade que dirige o corpo e explica o que a Bíblia quer dizer. Vocês, protestantes, não têm uma figura assim; vocês não têm um cabeça [gr., *an* + *archê* = “sem cabeça/governante”] — portanto, são anarquistas”.¹

O homem no *marché* foi o primeiro a me alertar sobre o paralelo evidente entre a Reforma protestante e a confusão que se seguiu a Babel (Gn 11.9): ambos tinham sido eventos que haviam resultado, aparentemente, em mais confusão, e não menos. A implicação dessa observação era que a Reforma resultara em uma confusão não de línguas, mas de interpretações, autoridades e comunidades interpretativas. Não recorro como respondi naquele dia, embora me lembre de haver estado ansioso para concluir minha preparação no seminário para poder lidar com essa e outras questões, como: “O que significa ser bíblico? Quem pode afirmar, com autoridade, o que a Bíblia quer dizer? Como pode a Bíblia ter autoridade *depois da Babel de interpretações*? Como podem os cristãos que creem na Bíblia navegar pelo conflito de interpretações da igreja?”.

Meus estudos de doutorado foram o segundo catalisador para este livro. Jamais me esquecerei do modo como Henry Chadwick, *regius professor* de Teologia, olhou para mim por cima dos óculos quando concluí minha apresentação de proposta de tese, no final do meu primeiro ano na Universidade de Cambridge. Eu havia ido para a Inglaterra para me aprofundar na busca da resposta à interrogação da minha vida: O que significa dizer que discípulos e teólogos cristãos são bíblicos? Chadwick suspirou e depois deu seu parecer com a clássica reticência britânica: “Sr. Vanhoozer, receio que esse tópico já tenha sido estudado anteriormente”. De fato.

O problema da existência de diferentes postulantes ao manto de “autorizado pela Bíblia” é mais velho que o próprio protestantismo. Contudo, por motivos que examinaremos neste livro, a Reforma protestante exagerou o problema, soprando as brasas por todo lado, até formar um fogaréu imenso que tomou conta de todo o cristianismo europeu. As cinzas ainda estão ardendo. Como todo

¹O prefixo *a(n)-* é uma partícula gramatical grega conhecida como alfa privativo e expressa negação ou ausência.

arboricultor sabe muito bem, o impacto de um incêndio em uma floresta depende das condições da floresta, e as opiniões divergem no que diz respeito a essa conflagração, isto é, se ela foi exclusivamente destrutiva ou se produziu mais bem do que mal ecológico. O *sola Scriptura* continua a gerar muito calor, mas poucos chegariam a ponto de dizer que o efeito da Reforma sobre a igreja foi o de uma queima controlada.² Pelo contrário: o conflito de interpretações que dividiu a igreja parece um incêndio florestal que só foi contido em dez por cento dos seus efeitos até agora.

Muita gente acredita que, ao brincarem imprudentemente com fósforos bíblicos, os reformadores tenham sido responsáveis pelo caos hermenêutico que se desencadeou no mundo moderno. Apesar da abundância das evidências empíricas a favor, o presente trabalho está disposto a refutar a *necessidade* desse resultado. As verdades acidentais da história europeia jamais devem ser tomadas como prova de verdades necessárias da teologia protestante. Sim, os protestantes discordaram e dividiram igrejas por causa de interpretações bíblicas divergentes; não há dúvidas quanto ao curso da história da igreja desde a Reforma. Contudo, as coisas poderiam — e deveriam — ter se desenrolado de outra maneira. Houve vezes em que isso aconteceu. O objetivo do presente trabalho, portanto, consiste em resgatar elementos de um protestantismo normativo das ruínas do protestantismo atual, ao revisitar o protestantismo histórico (os *solas* da Reforma). Defendo a tese de que os *solas* não constituem uma alternativa à tradição ortodoxa, mas sim uma compreensão mais profunda do evangelho único e verdadeiro que serve de sustentáculo a essa tradição.

Apresentei pela primeira vez o conteúdo do presente livro em Sydney, na Austrália, na conferência Annual Moore College Lectures 2015, com o título “Cristianismo protestante puro e simples: por que cantar *solas* renova e reforma a interpretação bíblica, a teologia e a igreja”. Embora tenha tomado a liberdade de editar e

²O Serviço Florestal do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos adverte: “Compreender um incêndio é ciência. Saber quando um ecossistema está pronto para queimar de forma controlada é uma competência científica” (disponível em: <http://www.fs.usda.gov/detail/dbnf/home/?cid=stelprdb5281464>, acesso em: 29 ago. 2015).

complementar minhas preleções com material suplementar, especialmente nas notas de rodapé, além de mudar o título, procurei, fora isso, preservar seu sabor oral original. A orientação para as palestras da Moore College era de que “lidassem com algum aspecto da fé reformada e evangélica por meio da exposição bíblica ou da teologia sistemática”.³ Foi uma surpresa agradável descobrir que, entre os preletores que me antecederam, estavam pessoas como F. F. Bruce, J. I. Packer e meu antigo decano, Kenneth Kantzer, que tratou de um tema semelhante ao meu na série de palestras de 1984: “Teologia da Reforma no final do século 20”. Não sei qual foi seu enfoque, mas gosto de pensar que ele teria aprovado o que exponho nas páginas que se seguem.

É com muita satisfação que agradeço os conselhos úteis e as sugestões bibliográficas dos meus colegas do Trinity: David Dockery, David Luy, Scott Manetsch e Doug Sweeney. Sou grato também aos meus alunos de doutorado — Isuwa Atsen, Kessia Reyne Bennett, Jeff Calhoun, Daniel Fleming, Austin Freeman, Geoff Fulkerson, Jonathan King, Matt La Pine, Paul Maxwell, Derek Rishmawy, Todd Saur, Brian Tung e Paul Uyen — por sua disposição em participar dos encontros em que discutimos o manuscrito capítulo por capítulo. Agradeço a Chris Donato por seus comentários editoriais pertinentes. Por fim, sou grato especialmente a Jim Kinney, diretor editorial da Baker Academy e Brazos Press, pelo apoio que deu ao meu trabalho e por suas sugestões perspicazes para melhorá-lo, entre elas a mudança do título, e a Tim West, meu editor na Brazos, por melhorar muitas vezes a redação do manuscrito, pelo que meus agradecimentos serão sempre insuficientes.

Agradeço de modo especial ao rev. dr. Mark Thompson, diretor da Moore College, pelo convite para a apresentação das palestras, e à sua família, pela cordial hospitalidade (com direito a um memorável passeio de balsa pelo porto de Sydney) durante minha estada. Quero, finalmente, agradecer aos vários membros do corpo docente e às suas famílias, que me convidaram para jantar, e aos estudantes

³Disponível em: <https://www.moore.edu.au/news/annual-moore-college-lectures/>

que fizeram perguntas por escrito depois de cada palestra. Fiquei surpreso ao constatar que os escritos de vários membros da Moore College — em especial Graeme Goldsworthy, Peter O'Brien, David Broughton Knox, Peter Jensen, John William Woodhouse e Mark Thompson — tiveram uma influência fora do comum na preparação das minhas preleções. Portanto, nada mais natural que eu dedique esta versão impressa aos diretores e membros do corpo docente da Moore College, do passado e do presente.

INTRODUÇÃO

A IGREJA DEVE SE ARREPENDER DA REFORMA OU RECUPERÁ-LA? SECULARISMO, CETICISMO E CISMA — UFA!

“Pelos frutos os conhecereis”: avaliando uma revolução

“Pelos frutos os conhecereis” (Mt 7.16). Esse é um dos pontos fundamentais do Sermão do Monte. O contexto dessa fala de Jesus é o dos falsos profetas *na igreja*, que vêm disfarçados de ovelhas, “mas interiormente são lobos devoradores” (7.15), desviando os discípulos. A Reforma foi um movimento, e não uma pessoa; um movimento no qual nasceu o protestantismo “como forma distinta de cristianismo ocidental”,¹ porém o princípio ainda é válido: “Toda árvore boa produz bons frutos; porém, a árvore má produz frutos maus” (7.17).

Quinhentos anos é tempo mais do que suficiente para avaliar a colheita. Contudo, a questão continua em aberto.² De um lado, sem dúvida alguma, os protestantes foram frutíferos e se multiplicaram: a edição de 2010 do Atlas do cristianismo global calcula que haja mais de quatro milhões de congregações no mundo todo, e trinta e oito mil denominações.³ Cabe até perguntar se os protestantes não

¹Mark A. Noll, *Protestantism: a very short introduction* (Oxford: Oxford University Press, 2011), p. 1.

²Para um levantamento interessante das formas pelas quais os aniversários anteriores da Reforma foram celebrados, veja Thomas Albert Howard; Mark A. Noll, “The Reformation at five hundred: an outline of the changing ways we remember the Reformation”, *First Things* 247 (November 2014): 43-8.

³Todd M. Johnson; Kenneth R. Ross, orgs., *Atlas of global Christianity* (Edinburgh: Edinburgh University Press, 2009).

teriam sido frutíferos demais: se Charles de Gaulle se queixava da dificuldade de ter de governar um país que tinha 246 variedades de queijos, imagine só como é difícil chegar a um consenso entre 38 mil denominações protestantes.

Contudo, se quisermos avaliar devidamente o fruto da Reforma, não podemos nos restringir exclusivamente aos números. Jesus preocupava-se com a verdade e com as boas obras, e as tinha como critérios do discipulado autêntico. De igual modo, temos de analisar se, e até que ponto, a Reforma estimulou a fidelidade à Palavra de Deus e à santa obediência — a conformidade com Cristo. A semelhança com Cristo é, em última análise, o único fruto que conta. Conforme disse C. S. Lewis: “A igreja existe unicamente para atrair os homens a Cristo, para fazer deles pequenos Cristos”.⁴ Se uma igreja frutífera faz discípulos (cf. Mt 28.19,20), um movimento frutífero faz igrejas que fazem discípulos.

Não é preciso ser historiador para ver que, por esse critério, os resultados apresentados pelo protestantismo são heterogêneos. A Reforma não gerou simples discípulos, mas luteranos, calvinistas, wesleyanos, zuínglios, menonitas e outros mais. Algumas linhagens familiares permaneceram intactas; outras passaram por vários divórcios. Os críticos da Reforma (seu nome é Legião) a acusam de gerar também uma infinidade de filhos bastardos, entre eles o capitalismo, o subjetivismo e o naturalismo (sem falar no planejamento familiar). Há protestantes históricos e evangélicos, conservadores e de esquerda, ocidentais e não ocidentais, e seus desacordos em pontos diversos da fé e da prática fazem com que seja difícil apontar a posição protestante por excelência em qualquer questão doutrinária ou social.

“Descentralização” é o moto protestante. No início, a descentralização tomou forma denominacional. Atualmente, está tomando uma forma *desdenominacionante*. Historiadores como Alister McGrath acreditam que seja mais exato falar em protestantismos, no plural.⁵

⁴C. S. Lewis, *Mere Christianity* (New York: Touchstone, 1996), p. 171 [edição em português: *Cristianismo puro e simples*, tradução de Álvaro Opperman; Marcelo Brandão Cipolla (São Paulo: Martins Fontes, 2009)].

⁵Alister McGrath, *Christianity's dangerous idea: the Protestant revolution — a history from the sixteenth century to the twenty-first* (New York: HarperOne, 2007), p. 62-3.

Para alguns analistas, o protestantismo não tem futuro. O tanque está vazio. De acordo com uma versão da história, o protestantismo é como a figueira amaldiçoada por Jesus (Mt 21.18,19). Ela deveria dar frutos, mas, quando Jesus se aproximou dela, faminto, viu que só tinha folhas — sabemos para que servem as folhas da figueira: para cobrir a nudez (cf. Gn 3.7). Simples números não podem compensar o fracasso do protestantismo em apresentar o fruto do Espírito coerentemente: amor denominacional, alegria, paz, paciência, bondade e, especialmente, fidelidade denominacional e autocontrole (cf. Gl 5.22,23). Várias dessas 38 mil uvas denominacionais estão efetivamente murchando na vinha. Contudo, muitos cristãos continuam não apenas a se identificar com a Reforma, mas também a nomear seus blogs e seminários em conformidade com suas luzes orientadoras. Seria o protestantismo uma figueira amaldiçoada, ou seria ele uma árvore “plantada junto às correntes de águas, que dá seu fruto no tempo certo e cuja folhagem não murcha” (Sl 1.3)?

Contando a história do protestantismo

Como podemos contar a história da Reforma protestante? Farei neste livro diversas afirmações, algumas delas contrárias à intuição, a respeito da importância duradoura da Reforma para a teologia atual. Não sou historiador profissional. Não descobri nenhum fato novo a respeito da Reforma, embora tenha procurado refrescar nossa memória em relação a certas coisas que talvez tenhamos esquecido.⁶ A narrativa básica (a história de Martinho Lutero) é bem conhecida: menino ama a igreja; menino deixa a igreja; menino encontra uma nova igreja. Espere um pouco: essa é a história? Existe essa coisa de “nova” igreja? Repetindo: não sou historiador, também não descobri fatos novos. Contudo, contestarei algumas interpretações dos fatos, inclusive formas populares de contar a história da Reforma, à luz de certas ideias e práticas reformadas que tendem a passar despercebidas. Reconheço que se trata de uma questão muito séria: afinal de contas, as narrativas

⁶Para mencionar dois exemplos a serem desenvolvidos em capítulos mais à frente: a preocupação dos reformadores com a unidade da igreja visível (uma catholicidade enraizada no evangelho, e não em Roma); a *congregacion* genebrina do século 16 como instituição eclesial e paradigma da interpretação bíblica.

não são todas pautadas pelas ideologias? Minha história não será simplesmente o reflexo do lugar em que me encontro — dos meus preconceitos, do meu povo, das minhas ambições de poder?

Admito que é um dilema. Fazer qualquer afirmação é correr o risco de que as pessoas suspeitem que ela serve, em última análise, aos meus interesses pessoais de engrandecimento. Nesse caso, porém, não estarei defendendo a superioridade da minha tribo reformada, mas a do “cristianismo protestante puro e simples”. Isso não diz respeito a uma “era dourada” perdida e tampouco a uma instanciação cultural específica do protestantismo, e sim a um conjunto de *insights* seminais — encapsulados nos cinco *solas* — e que constituem um desafio permanente e um encorajamento para a igreja. Como diria Chesterton: o cristianismo protestante puro e simples (unidade teológica na diversidade eclesial) não foi tentado e encontrado em falta; constatou-se que era árduo, e ele ficou inconcluso.⁷ Um tumulto fratricida em relação à teologia não nicênicamente — em outras palavras, discórdia de primeiro nível a respeito de doutrina de segundo — tem sido a maldição da teologia protestante. Antes, porém, que eu faça meu relato, talvez seja útil examinar outras maneiras de contar a história.

A que outra história bíblica podemos comparar a Reforma? Martinho Lutero se coloca como um profeta do Antigo Testamento que conduz Israel de volta a Jerusalém depois do cativeiro babilônico, ou como um apóstolo do Novo Testamento (Martinho Lutero Paulo) que teve de confrontar a heresia gálata novamente, depois que ela migrou para Roma. Embora Lutero não tenha se comparado a um dos reis de Israel, sua redescoberta de Romanos — o evangelho segundo Paulo — e a subsequente reforma da igreja têm um paralelo na reforma do templo pelo rei Josias e sua redescoberta da Lei (2Rs 22.8—23.3; cf. 2Cr 34.8-33), a saber, o livro de Deuteronômio, “o evangelho segundo Moisés”.⁸ Quando Josias ouviu a Lei, rasgou suas roupas; quando Lutero ouviu o evangelho, seu coração foi

⁷O texto original diz: “O ideal cristão não foi provado e encontrado em falta. Constatou-se que é difícil; por isso não foi testado” (G. K. Chesterton, *What's wrong with the world* [New York: Dodd, Mead, 1912], p. 48).

⁸Daniel I. Block, *The gospel according to Moses: theological and ethical reflections on the Book of Deuteronomy* (Eugene: Cascade, 2012).

libertado. É claro que esse não é o fim da história, razão pela qual outros estão dispostos a ver a Reforma como um capítulo anterior do livro de Reis: a história do reino dividido (1Rs 12).⁹

Outros contadores de histórias menos generosos representam Lutero como a serpente no jardim da igreja, tentando a noiva de Cristo para que coma o fruto proibido, isto é, o saber-poder de interpretar a Bíblia por conta própria e, desse modo, ser “como Deus”, tendo o conhecimento textual das palavras e dos significados. McGrath não ousa identificar Lutero com Lúcifer, mas chama o protestantismo — em especial a ideia de que as pessoas podem ler a Bíblia por conta própria — de “ideia perigosa do cristianismo”.¹⁰

Progresso do protestantismo? (Ernst Troeltsch)

Friedrich Schleiermacher elogiou os reformadores por terem introduzido a liberdade acadêmica na teologia, a saber, o princípio crítico (i.e., especializado) que é o único antídoto ao dogmatismo (católico romano).¹¹ O biblicista Wilhelm de Wette generalizou a ideia: “O espírito do protestantismo [...] leva, necessariamente, à liberdade política”.¹² De fato, para o filósofo G. W. F. Hegel, a Reforma foi um passo essencial na história do *Geist* rumo à liberdade: “Essa é a essência da Reforma: o homem, por sua natureza, está destinado a ser livre”.¹³ De igual modo, para Paul Tillich, o “princípio protestante” era dialético: um “não” profético a todo

⁹Ephraim Radner, *The end of the church: a pneumatology of Christian division in the West* (Grand Rapids: Eerdmans, 1998). Radner diz que uma igreja dividida é uma igreja sem o Espírito Santo, portanto uma igreja incapaz de ler a Escritura corretamente.

¹⁰Atente para o título do seu livro. Especificamente, a nova ideia perigosa “era que todos os cristãos têm o direito de interpretar a Bíblia sozinhos” (McGrath, *Christianity's dangerous idea*, p. 2).

¹¹Discurso feito perante o corpo docente de teologia da University of Berlin por ocasião do 300.º aniversário da Reforma (3 de novembro de 1817), citado em Howard; Noll, “Reformation at five hundred”.

¹²Citado em Howard; Noll, “Reformation at five hundred”, p. 45.

¹³G. W. F. Hegel, *The philosophy of history*, tradução para o inglês de J. Sibree (Mineola: Dover, 1956), p. 417 [edição em português: *Filosofia da história*, tradução de Maria Rodrigues; Hans Harden (Brasília: Ed. UnB, 2008)]. Veja tb. Merold Westphal, “Hegel and the Reformation”, in: *Hegel, freedom, and modernity* (Albany: State University of New York Press, 1992), p. 149-64.

autoritarismo terreno, e um “sim” criativo ao fundamento do ser (amor), que empodera novas formas de liberdade humana.¹⁴

Essas narrativas otimistas do progresso do protestantismo são, talvez, mais bem representadas (e criticadas) pela obra de Ernst Troeltsch, publicada em 1906, *Protestantism and progress: the significance of Protestantism for the rise of the modern world* [Protestantismo e progresso: o significado do protestantismo para o surgimento do mundo moderno].¹⁵ Em vez de saudar Lutero como o pioneiro da liberdade moderna, Troeltsch foi mais circunspecto: o protestantismo “primitivo” (de Lutero) foi um “segundo desabrochar” do medievalismo, que levou apenas indiretamente ao “novo” protestantismo que coexistiu pacificamente com a ciência secular e com o Estado secular.¹⁶ Para Troeltsch, o progresso do protestantismo consiste em basear as crenças não na autoridade externa, mas na convicção pessoal interna: “O protestantismo se tornou a religião da busca de Deus no sentimento, na experiência, no pensamento e na vontade pessoal”.¹⁷ A Reforma pode ter começado como uma retomada do medievalismo, mas ela preparou indiretamente o caminho para o individualismo do mundo moderno — a saber, uma civilização liberta da autoridade (da igreja).

“Protestantismo construtivo” (H. Richard Niebuhr)

A obra de Richard Niebuhr de 1937, *The Kingdom of God in America* [O reino de Deus na América] analisa como os peregrinos recém-chegados à América, a terra da oportunidade, usaram sua liberdade não mais para protestar (a parte negativa da Reforma),

¹⁴Paul Tillich, *The Protestant era* (Chicago: University of Chicago Press, 1948).

¹⁵Philadelphia: Fortress, 1986. Publicado originalmente em alemão: *Die Bedeutung des Protestantismus für die Entstehung der modernen Welt* (Munich: R. Oldenbourg, 1906).

¹⁶“Só depois que o protestantismo moderno perdeu de vista a ideia de uma igreja-civilização universal é que ele pôde caracterizar como princípios protestantes genuínos o dever da crítica filológica-histórica, a organização de igrejas formadas por associação voluntária, independentes do Estado, e a doutrina da revelação mediante a convicção e a iluminação pessoal interior” (Troeltsch, *Protestantism and progress: the significance of Protestantism for the rise of the modern world* (Philadelphia: Fortress, 1986), p. 37).

¹⁷*Ibidem*, p. 98.

mas para praticar uma cidadania do evangelho positiva: “Independentemente daquilo em que a América acabou se transformando, ela foi também um experimento de protestantismo construtivo”.¹⁸ Niebuhr dedica um capítulo ao “Problema do protestantismo construtivo”, onde enuncia o desafio básico. Os protestantes afirmavam o governo direto de Deus, à parte de qualquer mediação institucional, mas não estava claro de que modo a Palavra de Deus deveria organizar a sociedade: “A nova liberdade não organizava a si mesma, e ameaçava todas as esferas da vida com a anarquia”.¹⁹

Embora Niebuhr não o tenha mencionado, o incidente entre os puritanos na colônia da baía de Massachusetts fornece um excelente estudo de caso do protestantismo construtivo. Os puritanos não confiavam em nenhuma autoridade interpretativa, a não ser o Espírito Santo falando na Escritura. Conforme observa Lisa Gordis, “as práticas interpretativas puritanas privilegiavam técnicas que, teoricamente, permitiam que a Bíblia interpretasse a si mesma”.²⁰ Os pregadores da baía de Massachusetts afirmavam simplesmente “abrir” o texto, com a iluminação do Espírito, e supunham que uma comunidade que lesse “no Espírito” chegaria ao consenso interpretativo. Dado esse pressuposto, qualquer discordância em torno do que Deus está dizendo na Escritura só poderia ser problemática, não apenas na prática, mas também na teoria.²¹ Os “problemas” alcançaram seu ponto máximo em 1636, no que hoje se conhece como a Controvérsia Antinomianista ou da “Livre Graça”. Trata-se de uma ilustração instigante de como a hermenêutica puritana gerou, administrou e, no final, não soube conter a diversidade interpretativa.

A história tem tudo o que se pode querer de um enorme sucesso hollywoodiano: drama de tribunal, intriga, personagens religiosos caindo em desgraça publicamente e talvez a primeira feminista da

¹⁸H. Richard Niebuhr, *The Kingdom of God in America* (1937; reimpr., Middletown: Wesleyan University Press, 1988), p. 43.

¹⁹Ibidem, p. 30.

²⁰Lisa M. Gordis, *Opening Scripture: Bible reading and interpretive authority in puritan New England* (Chicago: University of Chicago Press, 2003), p. 3.

²¹Ibidem, p. 9.

América. Refiro-me ao julgamento de Anne Hutchinson, também conhecida como a “Jezabel americana”.²² Hutchinson esteve no centro de uma controvérsia teológica que levou a colônia da baía de Massachusetts à beira do colapso, deflagrando uma significativa debandada de insatisfeitos. A questão específica — a graça de Deus transforma o pecador? — é menos importante para os meus propósitos atuais do que o fenômeno de uma comunidade cristã que aspirava à unidade de interpretação, mas sucumbiu a uma desorganização interpretativa cada vez maior. A questão explícita dizia respeito à relação entre graça, transformação e obra do Espírito Santo, mas a pergunta subjacente era a seguinte: Qual leitura da Bíblia é válida, e, principalmente, como devem proceder os membros da igreja em face das divergências de interpretação?²³

A exemplo dos bereanos (At 17.11), Hutchinson examinava as Escrituras, fazendo reuniões em sua casa para discutir e dissecar os sermões que eram pregados por John Cotton na First Church of Boston, a mais importante igreja da colônia. Ela se preocupava com o fato de que os pregadores da colônia da baía de Massachusetts enfatizavam de tal modo a obediência moral como evidência da salvação que acabavam se tornando culpados do ensino de uma aliança de obras. Por sua vez, ela acreditava que somente uma intuição interior associada ao selo do Espírito podia dar a certeza da eleição. De qualquer modo, as reuniões na casa de Hutchinson atraíram sessenta pessoas e rivalizavam em influência com os ministros oficiais da igreja. O que complicava ainda mais a questão era a convicção mencionada previamente de que as pessoas que interpretam a Escritura no Espírito devem estar de acordo: “Não havia espaço na teoria exegética deles para explicar legítimas diferenças de opinião relativas a doutrina derivada da Escritura”.²⁴

²²Expressão usada no título do cap. 10 do livro de Michael Winship, *Making heretics: militant Protestantism and free grace in Massachusetts, 1636-1641* (Princeton: Princeton University Press, 2002).

²³“Os líderes da Colônia da Baía esperavam consenso: na verdade, as expectativas de consenso interpretativo possibilitadas pelo Espírito Santo eram elevadas o bastante para que a política da igreja repousasse sobre pressupostos de unanimidade” (Gordis, *Opening Scripture*, p. 149).

²⁴Ibidem, p. 151.

O que fazer com uma mulher inteligente que põe em dúvida as perspectivas do clero oficial de Boston, ameaçando, assim, arruinar o “experimento santo” da Nova Inglaterra puritana? Resposta: julguem-na por caluniar os ministros (e perturbar a paz da comunidade!). O governador John Winthrop presidiu o julgamento em 1637. O clímax se deu no segundo dia, quando Anne testemunhou sobre “o fundamento daquilo que sei ser a verdade”, o que, aparentemente, mostrou ser uma revelação imediata do Espírito Santo.²⁵ O veredito: expulsão para Rhode Island — e para os batistas.

Anne Hutchinson tinha aberto na Companhia da Baía de Massachusetts a caixa de Pandora do protestantismo: “Deixada a sós com sua Bíblia [...] e com o Espírito Santo, Hutchinson interpretava o texto de um modo que a colocava em oposição à sua comunidade”.²⁶ Diferentemente de Lutero, ela era leiga; mas, assim como Lutero, dizia que sua leitura do texto bíblico, iluminada pelo Espírito, era superior à do clero residente — no seu caso, os pastores de Boston. Tratava-se de uma disputa de interpretação que ameaçava gerar revolta civil e até mesmo violência. John Winthrop temia que os diferentes lados do debate viessem a usar a Bíblia não como fonte de textos de prova isolados com os quais poderiam refutar uns aos outros, mas sim como arma para rachar a cabeça do adversário.²⁷ A controvérsia acabou fazendo com que a segunda geração de ministros da Nova Inglaterra “baseasse sua autoridade no aprendizado e na especialização, enfatizando a necessidade de preparo acadêmico juntamente com a assistência do Espírito Santo”.²⁸

²⁵“The examination of mrs. Anne Hutchinson at the court at Newtown”, in: David D. Hall, org., *The antinomian controversy, 1636-1638: a documentary history*, 2. ed. (Durham: Duke University Press, 1990), p. 337.

²⁶Gordis, *Opening Scripture*, p. 172. Por exemplo, no seu julgamento, a sra. Hutchinson apelou a Dn 6.16-24, dizendo que Deus havia lhe mostrado que haveria de libertá-la como libertara a Daniel da jaula dos leões (“Examination”, in: Hall, *Antinomian controversy*, p. 337-8).

²⁷Veja Hall, *Antinomian controversy*, p. 293-4.

²⁸Gordis, *Opening Scripture*, p. 10. Veja ainda Michael Winship, *The times and trials of Anne Hutchinson: puritans divided* (Lawrence: University Press of Kansas, 2005). Veja tb. Marcus Walsh, “Profession and authority: the interpretation of the Bible in the seventeenth and eighteenth centuries”, *Literature and Theology* 9 (1995): 383-98.

A “ideia perigosa do cristianismo”? (Alister McGrath)

O caso de Anne Hutchinson mostra perfeitamente por que McGrath pode falar da “ideia perigosa do cristianismo”. Ele faz um trocadilho com o título do livro de Daniel Dennett, *Darwin’s dangerous idea: evolution and the meanings of life*.²⁹ A ideia perigosa de Darwin era a suposição de que podemos explicar o esquema que encontramos na natureza por meio do processo impessoal da seleção natural, sem que para isso tenhamos de recorrer à existência de um projetista. McGrath, que é doutor em biologia molecular e também em teologia histórica, pega mais do que apenas o título do livro de Dennett, uma vez que compara o protestantismo a um micro-organismo, um vírus capaz de rápidas mutações, proficiente em se adaptar e, desse modo, capaz de sobreviver em uma ampla gama de condições diversas.

Para McGrath, o sacerdócio universal dos crentes é o gene protestante fundamental, ou meme: uma ideia, valor ou prática que se espalha de uma pessoa para outra, de uma cultura para outra, de uma nação para outra, não através de replicação genética, mas cultural — no caso da Reforma, graças em grande parte à imprensa tipográfica.³⁰ Narrar a história do protestantismo como a transmissão de memes de uma geração para outra pode parecer algo sem nenhuma chance de sucesso, mas McGrath não abre mão da metáfora, com o argumento de que a capacidade de mutação do protestantismo responde tanto pela imprevisibilidade de novos acontecimentos (como o pentecostalismo) quanto por sua capacidade de se adaptar a novas situações.

Ao invocar esse modelo evolucionário, McGrath se posiciona em relação à essência do protestantismo: “Não houve um

²⁹Daniel C. Dennett, *Darwin’s dangerous idea: evolution and the meanings of life* (New York: Simon & Schuster, 1995) [edição em português: *A perigosa ideia de Darwin: a evolução e os significados da vida*, tradução de Talita M. Rodrigues (Rio de Janeiro: Rocco, 1998)].

³⁰Tal como os genes, os memes são pacotes de informações que podem ser passados às gerações subsequentes. Diferentemente dos genes, os memes codificam suas informações por meio da cultura, e não da biologia. O termo foi cunhado por Richard Dawkins em *The selfish gene* (Oxford: Oxford University Press, 1976), cap. 11 [edição em português: *O gene egoísta*, tradução de Rejane Rubino (São Paulo: Companhia das Letras, 2015)].

modelo, um gene ou paradigma protestante em que não houvesse ambiguidade”.³¹ Ele rejeita a ideia de que há um momento no tempo que define o protestantismo de uma vez por todas. Pelo contrário, a essência do protestantismo é dinâmica, consistindo em “sua autoanálise constante à luz da Bíblia e sua disposição de se corrigir”.³²

Ser protestante é se esforçar para ser bíblico; contudo, não é possível usar uma maneira específica de ser bíblico como padrão para julgar as demais. Isso, para McGrath, é o que torna o protestantismo perigoso, pois que outro nome, afinal, pode-se dar à divisão descontrolada de células que mudam e se espalham pelo corpo, senão câncer? É dessa maneira que os críticos interpretam o conceito reformado de sacerdócio universal dos crentes, um meme tão perigoso que quase desconstruiu Massachusetts! Lutero também provou um pouco do seu próprio remédio. A Guerra dos Camponeses, em 1525, mostrou-lhe uma possível consequência da sua posição: o individualismo religioso radical. Escreve McGrath: “Tarde demais, Lutero tentou conter o movimento enfatizando a importância de líderes religiosos revestidos de autoridade, tais como ele mesmo, bem como de instituições para a correta interpretação da Bíblia. Mas quem, indagaram seus críticos, havia ‘autorizado’ essas chamadas autoridades?”³³ Esse é o ponto.

Chegamos, então, à questão com a qual queremos nos ocupar neste livro: A igreja deve se arrepender desse conceito protestante perigoso, ou deve recuperá-lo? O princípio protestante do *sola Scriptura* pode produzir consenso, ou o resultado será sempre o caos? O protestantismo contém algum dispositivo à prova de falhas que possa ser usado para prevenir ou regular a proliferação de leituras divergentes da Bíblia, as quais, se não forem contidas, transformam-se num câncer que devasta o corpo de Cristo? Será que a Reforma deflagrou uma anarquia interpretativa no mundo e, se assim for, os cristãos de toda parte deveriam entrar com uma ação coletiva contra ela?

³¹McGrath, *Christianity's dangerous idea*, p. 463.

³²Ibidem, p. 465.

³³Ibidem, p. 3.

Arrependimento pelas iniquidades (involuntárias) de nossos pais reformadores

Não há mérito algum em dar respostas simples para perguntas complexas. É bastante desconfortável constatar que até mesmo os que estão unidos em sua afirmação da autoridade suprema da Escritura muitas vezes discordam entre si a respeito do que a Bíblia diz. Resta saber o que fazer e como resolver esses desacordos de interpretação. O subtítulo que escolhi para este capítulo (desistindo de “Leões, tigres e ursos — Ufa!”, de *O mágico de Oz*) indica o alcance do desafio. O meme protestante canceroso junta o leão do ceticismo (agachado diante da porta da modernidade), o tigre do secularismo e o urso do cisma. São essas as supostas consequências, ainda que não intencionais, da Reforma. Outros, é claro, acusaram os reformadores de massacre involuntário da igreja e difamação do caráter papal. Contudo, as acusações específicas para as quais buscarei absolvição consistem em imprudência hermenêutica e negligência criminosa da tradição. Começaremos ouvindo o depoimento de três testemunhas da acusação.

A Reforma gerou a secularização (Brad Gregory)

Certamente, a mais importante crítica recente à Reforma encontra-se no livro de Brad Gregory, *The unintended Reformation: how a religious revolution secularized society* [A Reforma acidental: como uma revolução religiosa secularizou a sociedade],³⁴ uma desconstrução magistral da Reforma magisterial. Gregory diz que só conseguimos entender nossa situação atual “hiperpluralizada” se voltarmos ao passado, à cena do crime. O “crime” em questão é a secularização, e Gregory deposita a culpa na soleira do protestantismo: as portas de Wittenberg, nas quais Lutero fixou seu desafio à autoridade da igreja. Ao fazê-lo, Lutero desencadeou uma série de eventos que culminaram no que Gregory acredita ser a insustentável e maléfica situação moderna. A consequência involuntária da recusa da Reforma em aceitar a palavra final da igreja determinou a perda de “qualquer estrutura compartilhada

³⁴Cambridge: Belknap Press of Harvard University Press, 2012.

de integração do conhecimento”³⁵ — uma perda cujos efeitos ainda são grandes.

Gregory admite prontamente que os reformadores não tinham o propósito de secularizar o mundo. É exatamente por isso que ele fala de uma Reforma “não intencional”. Os reformadores operaram uma revolução copernicana involuntária no que diz respeito ao conhecimento de Deus: em vez de verem a Escritura como um planeta que gira em torno do sistema da teologia, os reformadores fizeram da Escritura o sol que ilumina todo o sistema teológico. Em vez de a Escritura se conformar à tradição, ela falaria por conta própria. Nas palavras de Lutero: “Isso não é um ensinamento cristão, isto é, quando levo uma opinião à Escritura e obrigo a Escritura a segui-la; antes, pelo contrário, depois de compreender o que a Escritura ensina, obrigo minha opinião a estar de acordo com ela”.³⁶ O problema, conforme diz Gregory, é que, de 1520 em diante, “os que rejeitaram Roma discordaram sobre o que dizia a Palavra de Deus”.³⁷

As igrejas protestantes em cidades como Genebra e, posteriormente, em nações-estado como a Holanda, pareciam desfrutar de consenso em questões doutrinárias, porém Gregory diz que essa concordância geralmente tinha motivação política e era sustentada por autoridade política, como no caso dos príncipes alemães que apoiaram Lutero. Já nas mãos dos reformadores radicais, o *sola Scriptura* “não produziu nem mesmo um acordo superficial, gerando, isto sim, um tumulto sem fim de interpretações concorrentes e incompatíveis”.³⁸ O pluralismo protestante — e, com o tempo, o pós-modernismo — “derivou diretamente da afirmação de verdade fundacional da Reforma”,³⁹ a saber, da ideia perigosa de que os indivíduos têm acesso à verdade que está na Bíblia por conta própria, à parte da autoridade da igreja: *sola Scriptura*.

Por que chamar essa situação interpretativa de “secularização”? Porque, diz Gregory, os reformadores rejeitaram toda a cosmovisão

³⁵Gregory, *Unintended Reformation*, p. 327.

³⁶Citado em *ibidem*, p. 88.

³⁷*Ibidem*, p. 89.

³⁸*Ibidem*, p. 94.

³⁹*Ibidem*.

hierárquica do cristianismo medieval tardio e a substituíram por uma imagem chapada do *sola Scriptura* em que todos reivindicavam para si uma autoridade independente para interpretar a autoridade religiosa suprema. Isso acabou levando a guerras religiosas causadas por desacordos em torno do que, exatamente, a Escritura dizia e, mais tarde, à elevação, pelo Iluminismo, do *sola ratio* (somente a razão) à posição de juiz imparcial. Além disso, quando a razão se tornou a rota privilegiada para se chegar à verdade universal, a fé foi banida para o reino da opinião privada (subjéitiva).⁴⁰

Gregory quer que seus leitores compreendam toda a extensão do fracasso da Reforma. Não só os protestantes foram incapazes de chegar a um acordo sobre o que diz a Bíblia, como também não conseguiram chegar a um acordo sobre os critérios a serem usados para se decidir no que devemos crer essencialmente, e no que não se deve crer, resultando em um problema posterior: Quem determina o que é o verdadeiro cristianismo e como? Contra suas melhores intenções, “a igreja se tornou as igrejas”.⁴¹ Gregory acelera, então, até o presente: “A Reforma é a mais importante fonte histórica remota do hiperpluralismo ocidental contemporâneo, no que diz respeito às afirmações de verdade sobre sentido, moralidade, valores, prioridades e propósito”.⁴² Gregory, portanto, vai além de Max Weber: ao que tudo indica, os protestantes inventaram não apenas o capitalismo, mas também o consumismo.⁴³ O balanço final da Reforma foi a proliferação de afirmações de verdade conflitantes,

⁴⁰O pluralismo doutrinário cristão colocou inadvertidamente o mundo ocidental em uma trajetória em que o conhecimento foi secularizado e a fé foi subjéтивada” (ibidem, p. 327). Veja tb. Carlos M. N. Eire, *War against the idols: the Reformation of worship from Erasmus to Calvin* (Cambridge: Cambridge University Press, 1986).

⁴¹Gregory, *Unintended Reformation*, p. 369.

⁴²Ibidem. “A modernidade está falhando, em parte porque o princípio de razão somente da filosofia moderna não se mostrou melhor do que o da Escritura somente quando se trata de discernir ou vislumbrar respostas persuasivas e consensuais para as questões da vida” (p. 377).

⁴³No capítulo 5, discuto a hipótese de Max Weber apresentada em seu clássico *The Protestant ethic and the “spirit” of capitalism*, tradução para o inglês e organização de Peter Baehr; Gordon C. Wells (London: Penguin, 2002) [edição em português: *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*, tradução de José Marcos Mariani de Macedo (São Paulo: Companhia das Letras, 2014)].

cada uma das quais vendida como bíblica e disputando o coração e a mente dos clientes da igreja protestante.

A Reforma gerou o ceticismo (Richard Popkin)

Richard Popkin, historiador da evolução do pensamento, abre seu magistral *History of scepticism* [História do ceticismo] com um capítulo sobre “A crise intelectual da Reforma”.⁴⁴ É claro que o ceticismo tem um *pedigree* antigo. Seria injusto acusar os reformadores de tê-lo inventado. Não é isso que Popkin afirma. O que ele diz é que os reformadores deixaram as ideias céticas da Antiguidade entrar na Europa pela porta dos fundos de sua disputa com Roma em torno do modelo correto de conhecimento religioso.⁴⁵ Lutero escancarou a porta dos fundos em 1519, no debate que travou em Leipzig com Johann Eck, ao dizer que o *sola Scriptura* era a base da fé cristã: Lutero “deu o passo decisivo ao repudiar a regra de fé da igreja e apresentar um critério de conhecimento religioso radicalmente distinto”.⁴⁶

Para Lutero, citar a tradição da igreja — os pais — não basta: “Porque aquilo que se afirma sem a autoridade da Escritura [...] pode ser considerado como opinião, mas ninguém está obrigado a crer”,⁴⁷ muito menos acatar como conhecimento teológico.⁴⁸ De acordo com Popkin, a declaração de Lutero precipitou uma crise intelectual que abalou “o próprio alicerce da civilização ocidental”.⁴⁹ Lutero havia mudado as regras do jogo da legitimação, isto é, os critérios por meio dos quais se determina se algo é falso ou verdadeiro, e o

⁴⁴Richard H. Popkin, *The history of scepticism: from Savonarola to Bayle*, ed. rev. e ampliada (Oxford: Oxford University Press, 2003).

⁴⁵Ibidem, p. 1.

⁴⁶Ibidem, p. 4.

⁴⁷Citado em ibidem, p. 4.

⁴⁸Os reformadores apelaram efetivamente aos pais da igreja como autoridades secundárias (porque foram expositores fiéis da Escritura), em primeiro lugar para justificar sua ruptura com o escolasticismo medieval, mas também, em segundo lugar, para legitimar suas respectivas tradições confessionais em comparação umas com as outras. Veja tb. Esther Chung-Kim, *Inventing authority: the use of the church Fathers in Reformation debates over the Eucharist* (Waco: Baylor University Press, 2011).

⁴⁹Popkin, *History of scepticism*, p. 4.

Nos últimos anos, estudiosos conceituados têm defendido a tese de que a Reforma protestante impôs uma anarquia interpretativa à igreja. Será que chegamos ao momento de considerar a Reforma um experimento de 500 anos que não deu certo?

Kevin Vanhoozer, teólogo evangélico conservador de renome internacional, não pensa dessa forma. Embora reconheça a legitimidade das críticas recentes, o autor argumenta que resgatar os princípios cardeais da Reforma é o meio para responder aos críticos da interpretação bíblica protestante. Vanhoozer explora de que maneira uma reapropriação adequada dos cinco *solas* — *sola gratia* (somente a graça), *sola fide* (somente a fé), *sola Scriptura* (somente as Escrituras), *solus Christus* (somente Cristo) e *solus Deo gloria* (somente para a glória de Deus) — fornece os instrumentos que conferem os contornos da interpretação bíblica e estabelecem a autoridade interpretativa. Ele apresenta uma avaliação positiva da Reforma, mostrando que o resgate do “cristianismo protestante puro e simples” tem o potencial de reformar a fé e a prática cristãs contemporâneas.

Num momento em que estamos celebrando a Reforma, surge aqui uma nova avaliação dos princípios fundamentais do cristianismo protestante histórico. Essa obra, escrita com convicção, sutileza e sabedoria, apresenta Kevin Vanhoozer em sua melhor forma. Um verdadeiro tesouro!

Timothy George, deão fundador da Beeson Divinity School, na Samford University, e autor de *Teologia dos Reformadores* (Vida Nova)


VIDA NOVA



-  vidanova.com.br
-  [/vidanovaedicoes](https://www.facebook.com/vidanovaedicoes)
-  [@edicoesvidanova](https://twitter.com/edicoesvidanova)

ISBN: 978-85-275-0759-2



9 788527 507592